





## Apresentação



### Dossiê Temático



## Políticas Linguísticas para o Multilinguismo no Sul Global

**Kleber Aparecido da Silva**    
[kleberunicamp@yahoo.com.br](mailto:kleberunicamp@yahoo.com.br)  
Universidade Brasília, DF, Brasil (CNPq).

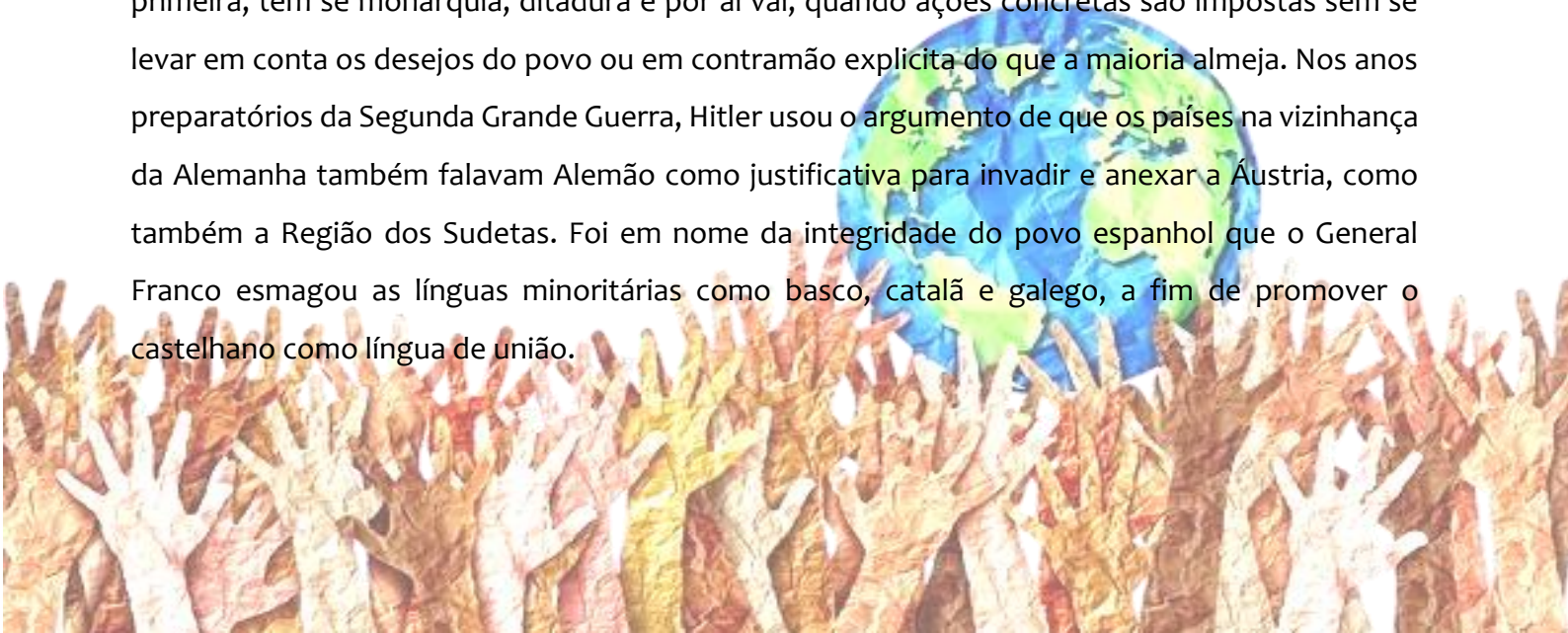
**Leketi Makalela**    
[leketi.makalela@wits.ac.za](mailto:leketi.makalela@wits.ac.za)  
Universidade Joanesburgo, África do Sul.

**Paulo Daniel Farah**    
[paulof@usp.br](mailto:paulof@usp.br)  
Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

**Dllubia Santclair Matias**    
[dllubiasantclair@gmail.com](mailto:dllubiasantclair@gmail.com)  
Universidade Brasília, DF, Brasil.

**Simone Maranhão Costa**    
[simonemaranhao@ifma.edu.br](mailto:simonemaranhao@ifma.edu.br)  
Instituto Federal do Maranhão, MA, Brasil.

A política é um campo, uma atividade, que se conduz de maneiras díspares. A condução da atividade política pode se dar de forma *top down* ou *bottom up*. Quando se opta pela primeira, têm-se monarquia, ditadura e por aí vai, quando ações concretas são impostas sem se levar em conta os desejos do povo ou em contramão explícita do que a maioria almeja. Nos anos preparatórios da Segunda Grande Guerra, Hitler usou o argumento de que os países na vizinhança da Alemanha também falavam Alemão como justificativa para invadir e anexar a Áustria, como também a Região dos Sudetas. Foi em nome da integridade do povo espanhol que o General Franco esmagou as línguas minoritárias como basco, catalã e galego, a fim de promover o castelhano como língua de união.



Por outro lado, quando as políticas linguísticas são (re)pensadas e postas em prática de modo *bottom-up*, tem-se ampla discussão nos moldes democráticos que visam levar em contas as múltiplas perspectivas existentes em diferentes setores da sociedade (Silva e Rajagopalan, 2024). E onde há plena democracia, há uma multiplicidade de posições, posturas e predileções que se rivalizam umas contra outras, se digladiam entre si até que uma delas saia vencedora. Se, onde e quando o leitor do livro que ora está em suas mãos encontra sinais de dissensão, de discordância de vozes, pode ter certeza de que está presenciando política em ação em sua plenitude. A política linguística não pode, de forma alguma, seguir caminho diferente. Contudo, há uma outra interpretação dos termos *top down* e *bottom up* que também deve estar no nosso enfoque.

Nessa interpretação, o primeiro se referiria às decisões tomadas e implementadas a partir de uma autoridade devidamente encarregada para fazê-lo. É perfeitamente possível que tal autoridade, vez por outra, esqueça seu dever de agir em prol daqueles em nome e interesse dos quais ela foi empossada em primeiro lugar e, conseqüentemente, tome decisões que contrariam tais interesses. Nesses casos, o terreno está apto a se transformar em um palco de conflito entre os pontos de vista *top down* e *bottom up*. Ou seja, perspectivas conflitantes entre o governante e o governado. Esses conflitos e os resultante confrontos são mais comuns do que se pensa e podem se dar entre a direção de uma escola e os discentes (ou seus pais, quando esses são menores), entre o mandatário superior e os que são impactados por suas decisões etc. No Brasil, tivemos, na última década do século XX, um caso inesquecível de embate entre uma decisão que partiu de cima, porém logo germinou confusão acalorada em baixo – o caso de Projeto Lei 1.676/99, da autoria do então deputado Aldo Rebelo, que sacudiu a opinião pública (tanto a favor como contra) e repercutiu na academia (vide Rajagopalan 2004).

Dito de outra forma, as diferenças de opinião não são só algo de se esperar o tempo todo na esfera de política linguística, elas também são inescapáveis e até imprescindíveis quando o assunto é política linguística. São o que impulsiona guinadas significativas no rumo da política linguística em vigor numa sociedade e permanece intacta por longo período, ou pelo desinteresse das autoridades em mexer no vespeiro ou despreparo para tomar iniciativas de tamanha envergadura. São, no fundo no fundo, o que torna a política linguística um tema tão empolgante, cativante. E, ao mesmo tempo, tão importante para garantir os direitos linguísticos de todas as populações.

“Políticas Linguísticas para o Multilinguismo no Sul Global”, proposta de dossiê temático que ora publicamos na Revista *The Specialist* pretendeu mapear as políticas linguísticas em andamento no Sul Global e, ao fazê-lo, contribuir para a consolidação e a ampliação da pesquisa em Políticas Linguísticas entre acadêmicos da área da Linguística Aplicada (Crítica) e Sociolinguística. Visando atingir essas metas, o presente dossiê está dividido em três partes complementares. Na primeira seção do dossiê foram reunidos artigos sobre questões onto-epistemológicas para a área, enquanto na segunda e terceira foram apresentadas uma visão panorâmica dos processos e políticas linguísticas em andamento no Sul Global. Ao coligir esses artigos, pretendemos disponibilizar à comunidade científica da área da Linguística Aplicada e da Sociolinguística material bibliográfico de referência que possa constituir leituras para os interessados em questões de políticas linguísticas relativas às diferentes línguas faladas e/ou ensinadas no Sul Global. Além disso, o presente dossiê temático visou problematizar o construto políticas linguísticas a partir de perspectivas decoloniais, desafiando as versões euro-americanas da realidade.

Em síntese, os organizadores deste dossiê temático esperam que os ensaios, a entrevista e os artigos que se encontram enfileirados neste dossiê temático sirvam de estímulo para aguçar debate saudável – a única forma de trazer à tona questões que muitas vezes permanecem nas margens das discussões e pavimentar o caminho para traçarmos caminhos promissoras para novas políticas linguísticas que nosso país fatalmente será obrigado a adotar num mundo que constantemente sofre rápidas e inesperadas mudanças.

### Referências Bibliográficas

RAJAGOPALAN, K. *A Linguística que nos Faz Falhar*. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, K. A.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs) *Políticas Linguísticas no Brasil: rumos, contornos, perspectivas e meandros*. Campinas: São Paulo. 2024